

## O ESPERANTO BRASILEIRO: A LINGUAGEM E O DISCURSO NA (DES)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES EM *MACUNAÍMA*

Emília da Silva Parente

**Resumo:** O presente estudo tem como objeto de pesquisa as representações das culturas e identidades brasileiras por meio dos discursos que permeiam a obra *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, publicada, no Brasil, em 1928. Fundamentamos nossas análises partindo das teorias que apresentam a compreensão de linguagem e ideologia, análise do discurso, história, cultura e identidade. Para tal feito, buscamos referências de leituras em Bagno (2005), Candido (2009), Fiorin (2007), Mota (1997), Moraes (1978), Ortiz (2013), Thiesse (1999), entre outros pesquisadores. Partindo dos autores mencionados, buscamos investigar, na obra escolhida, levantando-se os seguintes questionamentos: “Quais são as representações das culturas brasileiras por meio do mosaico de discursos construídos em *Macunaíma*?”, “Como a linguagem empregada dialoga com o movimento literário em seu contexto de produção?”, “Quais são as ideologias discursivas representadas pelas variações linguísticas formais, regionais, africanas, indígenas e populares adotadas pelo autor?”. Com base em indagações semelhantes, inferimos acerca das produções e representações culturais que permeiam a história do povo brasileiro, ressaltando também os elementos que conferem as possíveis identidades/representações em *Macunaíma*.

**Palavras-chave:** Linguagem. Cultura. Identidade.

---

### Introdução

Há inúmeras discussões e estudos que tratam das representações culturais e da formação identitária do povo brasileiro, como meio de firmar o caráter de nacionalidade própria. Falar de identidade é associar à constituição da nação, percebendo as relações que comportam o imaginário popular. A História e a Literatura são áreas que se fundem ao passo que percebemos, em algumas obras da literatura brasileira, o contexto de produção, movimento literário e o desejo em construir/firmar/representar a identidade de seu povo. Em *Imagens do Brasil*, o autor apresenta indagações pertinentes ao objeto de pesquisa escolhido para a presente análise, questionamentos dos quais tentaremos não responder, mas também refletir sobre as relações identitária e culturais do Brasil. Para Ortiz (2013),

Pode-se dizer que no Brasil e na América Latina existe uma obsessão pelo nacional, isso faz com que a problemática da identidade seja recorrente, ou como diz Ruben Oliven, um “eterno retorno”. A pergunta “quem somos nós” recebe respostas diferentes em função

da inclinação teórica dos autores, do contexto histórico, dos interesses políticos, mas permanece ao longo do tempo como inquietação insaciável. Mas qual seria o sentido deste debate no mundo contemporâneo? Em que medida as transformações ocorridas nas últimas décadas incidem sobre a imagem que temos de nós mesmos, isto é, as representações simbólicas construídas em torno da tradição brasileira que nos assombra?

É relevante destacar o momento de produção de autores como José de Alencar que, já no século XIX, apresenta elementos da cultura brasileira em sua produção de romances onde faz um apanhado geográfico, regional e histórico, no intuito de expor as narrativas em contexto nacional, apresentando “a cara do Brasil” no jeito de produzir literatura; embora o perfil do caráter nacional apresentado por Alencar ainda seja retratado na figura do índio como “o bom selvagem”, visão bem associada à dos europeus.

Alencar, portanto, apresenta, em suas obras, inúmeros elementos representativos das terras tupiniquins e, conseqüentemente, deveras contribuiu para um olhar sobre a pátria brasileira de modo que os ideais de um país livre firmava-se na busca constante por uma cultura própria. O autor escrevia com requintes de detalhes, provavelmente pela admiração que nutria pelos realistas franceses. A linguagem de Alencar apresentava traços próximos à linguagem falada, tal marca linguística foi alvo de crítica no período de produção pelos cânones da literatura portuguesa. Sua obra, por assim dizer, permitiu traçar uma espécie de “moldura do Brasil” por meio dos elementos constitutivos entre marcos históricos, interação do homem branco (colonizador europeu) e índio, apesar de manter a conotação emocional e idealista do Romantismo e premissas conservadoras pelas quais pautava seu estilo de escrita e discursos.

Ainda no mesmo século, Machado de Assis também produziu obras, mas com uma abordagem diferenciada em que era crítico veemente da busca por nacionalismo, chegando a afirmar que *“um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais”*. Machado apresentava um olhar mais aguçado em relação à legitimidade dessa nacionalidade, ao passo que seus contemporâneos buscavam uma brasilidade a que estava limitada aos aspectos da natureza, características geográficas, mas, ainda, condicionados a enxergar o Brasil tal qual o colonizador.

Ao passo que os demais escritores estavam numa tendência do *costumbrismo*, Machado retratou um Brasil urbano e, neste contexto, aparecem as relações e as mazelas sociais que ainda são latentes à sociedade brasileira. Foi um escritor à frente de sua geração por representar temáticas atemporais, próprias de nossa sociedade, desligando-se de representações engessadas do povo brasileiro. Segundo Machado (1999), “*o que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.*”.

Com base neste posicionamento machadiano, podemos notar o quanto se fazia necessário firmar, por meio da literatura, naquele contexto, o caráter da cultura nacional, desvincilando-se do estilo europeu de se apresentar a literatura produzida em nosso país. O próprio Machado afirmou, em *Notícia da Atual Literatura Brasileira - Instinto de Nacionalidade*, que definir a cultura e identidade não é uma tarefa exequível para um ou dois escritores, pois é necessário perceber as controvérsias presentes em tal definição, já que não há uma literatura genuinamente brasileira. A noção de identidade nacional precisa ser vista, sensivelmente, como um constante construto de elementos que a compõem. Referindo-se à identidade nacional, Machado de Assis (1999) afirma que

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há de negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro.

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabelecendo doutrinas absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.

Compreender os movimentos e produções literários que precedem a obra *Macunaíma*, torna-se imprescindível para uma possível interpretação da (des)construção da identidade brasileira e suas expressões culturais. Segundo Thiesse (1999), “*essa cultura, em geral, faz referência a um passado comum e a um povo que seria a base e o portador da cultura e, por conseguinte, da nação.*” Partindo dessa relação de cultura e passado, buscamos, em nossa história e seus registros, e

logo muitas inferências já podem ser apresentadas, pois o passado de nossa nação foi severamente marcado pela exploração e imposição cultural.

Os índios representados por Alencar já não tinham suas características nativas, havendo, portanto, uma contracultura de “branqueamento” do povo brasileiro. Afinal, quem é esse povo a quem designamos de brasileiro? Quais as suas origens? Quais são os reais elementos constitutivos da identidade nacional dentro de variedades entre as raças que se misturaram? Para além da chegada dos portugueses em território nacional, temos outros registros de estadia da própria família real em nosso país, mais precisamente, no ano de 1808, momento em que nossa terra não representa somente uma mera colônia de Portugal, mas passa a sediar a própria monarquia. No contexto descrito, o Brasil se desenvolve em diversos aspectos econômicos e políticos, culminando, em 1822, com o marco da Independência.

### **O modernismo e a busca pela identidade nacional**

Com base nos aspectos históricos, primórdio de nossa pátria, direcionamos o foco de nossa pesquisa para as relações de representação da identidade(s) nacional, sobretudo, como a cultura(s) brasileira é registrada na rapsódia de *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, publicada em 1928. A abordagem acerca da cultura brasileira permeia, entre outras indagações, sobre o seguinte questionamento: Quais são as representações das culturas brasileiras por meio do mosaico de discursos construídos em *Macunaíma*?

Para Oliven (2002):

Em certos momentos, a cultura brasileira é profundamente desvalorizada pelas elites, tomando-se em seu lugar a cultura europeia (ou a mais recentemente a norte-americana) como modelo de modernidade a ser alcançada. Como reação, em outros momentos nota-se que certas manifestações culturais brasileiras passam a ser profundamente valorizadas, exaltando-se símbolos como *Macunaíma* – o herói brasileiro sem nenhum caráter e preguiçoso de nascença, personagem do romance homônimo modernista (Mário de Andrade, 1993) – a figura do malandro, o carnaval, o samba, o futebol etc.

O livro faz parte da primeira fase do modernismo e tem a influência das vanguardas europeias. Encontramos, visivelmente, estilos de linguagem bem

inovadores que a obra apresenta, exigindo, assim, maior cautela ao longo da leitura, pois o estilo adotado por Mario de Andrade é bem singular em comparação aos demais autores. O autor reúne vasto conhecimento sobre aspectos dos mitos indígenas, elementos do folclore e lendas para representar a identidade nacional. Há muitas marcas entre o dialogismo do erudito e popular ao longo da obra, capítulos curtos, linguagem mais solta, ausência de vírgula, adivinhações, polissemias, simbolismos, entre outras marcas linguísticas que valorizam a cultura popular e estabelecem uma ruptura muito clara em relação aos aspectos que eram apresentados em suas estruturas clássicas, a exemplo, as produções parnasianas. Buscaremos analisar a linguagem adotada por Mario de Andrade para compreender as ideologias discursivas pelas quais a obra é composta, estabelecendo, assim, uma relação com o período de produção e os ideais nacionalistas apresentados pelo autor, conferindo, portanto, elementos constitutivos da cultura(s) brasileira.

Compreendemos o movimento modernista, mesmo período do centenário da Independência, em paralelo à Semana de 1922, como ponto nevrálgico da afirmação de uma busca pela cultura e identidade genuinamente brasileiras. Faz-se necessário, para a compreensão do contexto de produção de Macunaíma, entender o *Manifesto Antropofágico* que, segundo Moraes (1978)

O instinto antropofágico, por um lado, destrói, pela deglutição, elementos de cultura importados; por outro, assegura a sua manutenção em nossa realidade, através de um processo de transformação/absorção de certos elementos alienígenas. Ou seja: antes do processo colonizador, havia no país uma cultura na qual a antropofagia era praticada, e que reagiu, sempre antropofagicamente mas com pesos diferentes, ao contato dos diversos elementos novos trazidos pelos povos europeus. É este instinto antropofágico que deve ser agora valorizado pelo projeto cultural defendido por Oswald de Andrade. Ele se caracteriza por defender ferrenhamente a intuição e pelo poder de sintetizar em si os traços marcantes da nacionalidade que garantem a unidade da nação.

Partindo desse movimento artístico e literário, destacam-se obras que priorizam uma estética em que representam as raízes do Brasil em suas mais variadas cores, formas, traços e narrativas. Entre as obras produzidas, destaca-se a produção em análise, que é uma referência para os estudos de cultura, história e literatura: *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*.

Ao refletirmos sobre o processo de colonização registrado em nosso país, perceberemos que um dos instrumentos, junto à questão religiosa, senão o mais contundente para doutrinar e dominar os nativos foi o idioma imposto. A língua, sendo assim, é uma ferramenta de domínio e relações de poder nas relações sociais. Ao tratarmos da língua, fazemos referência à língua portuguesa, de Portugal, que passou a ser oficial em nossa nação, conferindo-lhe elementos e características culturais que, até então, predominavam na Europa. Se o português foi imposto em nosso país, as inúmeras línguas nativas (indígenas) foram desaparecendo ao longo dos anos e caindo em desuso.

O desejo em registrar a identidade brasileira, conforme afirmado na introdução do presente trabalho, surge na estética do Romantismo, apresentando cores, natureza, marcos históricos, a figura do índio e perpassa ao Modernismo, período em que tais elementos simbólicos são representados com características mais inerentes ao Brasil, pois o discurso literário que é apresentado pelos modernistas mostra expressões já brasileiras advindas da herança que se deu pela mistura étnica que aqui se consolidou.

Em relação às produções literárias brasileiras, Antônio Candido (2009) afirma que

Descrever costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados de sentido nacional, era libertar-se do jugo da literatura clássica, universal, comum a todos, preestabelecida, demasiado abstrata – afirmando em contraposição o concreto espontâneo, característico, particular.

Embora os registros da literatura pertencentes ao Romantismo apresentem contradições, sobretudo de figuras idealizadas como o índio, há uma quebra de paradigmas ao assumir uma escrita que rompe padrões canonizados ao adotar uma linguagem em que há valorização de elementos nacionais, imagens da fauna e da flora brasileiras, como também, da reprodução de mitos presentes ao longo das obras, entre outros recursos e ideologias ocidentais.

A abordagem literária do Modernismo apresenta rupturas com os ideais românticos até então construídos no Brasil, trazendo influências das vanguardas europeias, principalmente, da França e Itália, há um desejo de que a produção local também seja firmada no âmbito internacional para “apresentar a cara do Brasil” ao

mundo, como nação de costumes e culturas próprios. Este não foi somente um movimento literário, mas sim ideológico em que os temas latentes do Brasil não foram escondidos ou segregados de forma homogênea.

Houve um desejo de representação dos “Brasis”, que não estava limitada a figura simbólica do índio ou de mitos fundadores e reproduzidos, mas também, expressar, por meio da obra literária, relações de gênero, cores, formas, crises sociais e demais elementos que compõem a sociedade brasileira. Não há como homogeneizar o retrato de nosso país traçando somente uma região ou costume local, pois no Brasil há um cosmopolitismo conforme apresenta Antônio Cândido (2006):

O nosso Modernismo importa essencialmente em sua fase heroica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária. Este sentimento de triunfo, que assinala o fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal e já nem o leva mais em conta, define a originalidade própria do Modernismo na dialética do geral e do particular.

Pensar nas relações de identidade é apropriar-se de um contexto maior em que há movimentos políticos, ideológicos e representações culturais que, por meio da linguagem, estão aparentes nos registros literários e demais expressões artísticas. Quem são os atores políticos pela busca da identidade nacional? As representações da cultura apresentam focos distintos com o passar dos tempos e avanços na questão democrática e redemocratização de nação, conforme afirma Oliven (2002):

É justamente com o processo de abertura política que a cultura passou a ganhar maior visibilidade no Brasil. Novas questões começaram a vir à tona, e movimentos estão mais preocupados com questões frequentemente consideradas locais e menores, não obstante fundamentais, que com as grandes temáticas tradicionais. O que se observou no Brasil a partir de sua redemocratização foi um intenso processo de constituição de novos atores políticos e a construção de novas identidades sociais.

### **Linguagens, culturas e identidades em macunaíma**

Ao ler a obra *Macunaíma*, observando o tom lírico, satírico, paródico, humorístico e exagerado pela descrição dos acontecimentos que vão desenrolando-

se, fica bem acentuada a questão de que não cabe somente uma identidade nacional para o povo brasileiro. É, sobretudo, pelas relações discursivas entre as personagens ao longo dos acontecimentos, pela linguagem utilizada e características textuais próprias do cânone que se é possível traçar uma visão mais apurada sobre os retratos do Brasil que Mario de Andrade pretendeu reproduzir, baseado em estudos do folclore, mitos e lendas indígenas e apanhado histórico que são apresentados por meio da narrativa não linear.

Entre as expressões populares, podemos destacar alguns dos trechos, tais como: “ - *Que é isso! - Chouriço!*” (p. 24); - *Me diga uma coisa: você conhece a língua do lim-pim-gua-pá? - Nunca vi mais gordo! - Pois então, rival: Vá-pá à-pá mer-per-da-pá!*” (p. 81). Há também a presença de adivinhações populares, tais como: “... *O que é que é: É comprido roliço e perfurado, entra duro e sai mole, satisfaz o gosto da gente e não é palavra indecente? - Ah! Isso é indecência sim! - Bobo! É macarrão! - Ahn... É mesmo! ... Engraçado, não?*” (p.83). “ - *Era uma vez uma vaca amarela, quem falar primeiro come a bosta dela!*” (p.108). A linguagem popular adotada ao longo da obra vai ao encontro pela quebra de modelos parnasianos enaltecidos, impostos e seguidos naquele contexto de produção.

Para Mota (1977), “cultura e política tornaram-se, mais do que nunca, componentes indissolúveis do mesmo processo: dizer que constituem níveis distintos de uma mesma realidade parece pouco mais que sonegar o essencial.” A linguagem é ferramenta de poder e representação, por meio dos registros, contexto de produção e veículo de ideologias que se concretiza pela interação discursiva. Por discurso, compreendemos, conforme os conceitos de Fiorin (2007):

Muitas pessoas dizem que o discurso não pode ser determinado socialmente, porque expressa suas ideias de maneira diferente. A nossa sociedade cultua a originalidade de expressão e chega a sancionar a pura e simples cópia de algo que alguém já escreveu, pintou etc.

Os discursos, tomando como base a afirmação anterior, constituem em manifestações que afloram de outros discursos anteriores e assim vão sendo moldados e reproduzidos na sociedade. Pensar na obra em questão é apropriar-se de inúmeros discursos que permearam o contexto de produção e constrói um mosaico que envolve mitos, história, folclore, desconstrução do herói, provérbios

populares, lendas, pluralidade cultural, miscigenação, contraste entre o erudito e o popular, crítica social, alegorias, comicidade, exagero, riqueza de vocabulário, variações linguísticas, estilística, mitologia indígena, entre tantas características que conferem à rapsódia um marco singular do movimento modernista, mas, sobretudo, da construção, reconstrução e desconstrução da identidade nacional.

A obra é organizada em capítulos curtos em que a lógica da linearidade e sequências narrativas junto aos aspectos de pontuação, fusão do popular e erudito são construídos de forma que a linguagem seja apresentada como uma ferramenta de ruptura com as obras produzidas em estéticas literárias anteriores, construindo assim, o estilo próprio da escrita moderna, desde a organização dos acontecimentos à escolha de uma linguagem mais próxima do português falado.

Seria precipitada qualquer intenção de narrar a sequência dos fatos ou resumir a obra *Macunaíma*, pois há vasta riqueza em detalhes e momentos que de forma alguma poderiam ser postos em segundo plano. Cada recurso de linguagem adotado, ou mesmo àqueles que estão ausentes (como o uso de inúmeros sinais de pontuação) são postos ou omitidos de modo bastante articulado, haja visto o momento de produção, temáticas, estética literárias e singularidades próprias da escrita de Mário de Andrade. Ao retomarmos alguns trechos da obra cuja descrição do protagonista é feita, logo perceberemos elementos simbólicos que, por meio da descrição da linguagem já apresentam a força da obra em relação à identidade nacional. Vejamos o trecho, Andrade (2004, p. 13):

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

- Ai! que preguiça!

Há uma riqueza na descrição do episódio que apresenta o nascimento do herói nacional, ou melhor, do anti-herói. Desconstruindo totalmente o estereótipo do herói convencionalmente aceito, Macunaíma apresenta traços que contestam a idealização do herói, pois este aparece “sem nenhum caráter”. O caráter, em nossas inferências, pode ir muito além do caráter voltado às questões pertinentes à moralidade e costumes zelados pelas convenções sociais, já que que esta ideia de

ausência de caráter, ao lermos cuidadosamente a obra, apresenta-se como a ausência de identidade. Há uma mistura de raças no nascimento da personagem que também pode representar os traços históricos e reflexos da mistura racial, que constitui a nação brasileira, uma vez que Macunaíma é indígena e negro. O menino nasce feio, adjetivo este que também reforça a ideia de desconstrução, além das características que irão sendo moldados ao longo da narrativa, o elemento da preguiça é descrito e torna-se um jargão usado inúmeras vezes para reforçar a personalidade de Macunaíma.

Entre as peripécias de Macunaíma, há muitos registros do verbo *brincar*, referindo-se à prática sexual. Em diversos momentos o protagonista *brinca* com as demais personagens, inclusive, há registros de práticas forçadas e outras tantas consentidas, onde o protagonista até se transfigura em homem bonito para seduzir a própria cunhada Sofará. Vejamos um dos momentos em que o termo *brincar* aparece (ANDRADE, 2014, p. 14):

A mãe não quis porque não podia largar o paneiro não. E pediu pra nora, companheira de Jiguê que levasse o menino. A companheira de Jiguê era bem moça e chamava Sofará. Foi se aproximando resabiada porém desta vez Macunaíma ficou muito quieto sem botar a mão na graça de ninguém. A moça carregou o piá nas costas e foi até o pé de aninga na beira do rio. A água parara pra unventar um ponteiro de gozo nas folhas do javari. O longe estava bonito com muitos biguás e biguatingas avoando na entrada do furo. A moça botou Macunaíma na praia porém ele principiou choramingando, que tinha muita formiga!... e pediu pra Sofará que o levasse até o derrame do morro lá dentro do mato, a moça fez. Mas assim que deitou o cururim nas tiriricas tajás e trapoerabas da serapilheira, ele botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindo. Andaram por lá muito.

Quando voltaram pra maloca a moça parecia muito fatigada de tanto carregar piá nas costas. Era que o herói tinha brincado muito com ela.

Ao longo da narrativa, o herói e demais personagens percorrem pelo território nacional e o autor consegue reunir vários acontecimentos que são frutos de sua vasta pesquisa acerca do folclore e mitos que constroem as representações do Brasil. A linguagem poética, elementos eruditos, simbologias, variedade informal própria da linguagem popular vão entrelaçando-se numa espécie de esperanto brasileiro, como o próprio Mário denominou. Há uma nítida ruptura e marco nas construções da linguagem adotada ao longo de Macunaíma, pois tais estruturas e

construção narrativas até então não eram produzidas, uma vez que os modelos canonizados e europeus predominavam e eram apreciados pelos intelectuais e leitores do período. Antes da publicação da obra, em certa carta destinada a Câmara Cascudo, Mário de Andrade apresenta o propósito de sua criação:

Minha intenção foi esta: aproveitar no máximo possível lendas tradições costumes frases feitas etc. brasileiros. E tudo debaixo de um caráter sempre lendário, porém como uma lenda de índio e de negro. O livro quase não tem nenhum caso inventado por mim, tudo são lendas que relato (...). Um dos meus cuidados foi tirar a geografia do livro. Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido minha preocupação desde que tentei me abrasileirar e trabalhar material brasileiro. Tenho muito medo de ficar regionalista e me exotizar pro resto do Brasil. (...) Enfim é um livro bem tendenciosamente brasileiro.

Ainda sobre as variações linguísticas adotadas ao longo da obra, vale destacar um dos capítulos que exemplifica de maneira crucial e satírica as relações de poder por meio da linguagem culta utilizada. Podemos, inclusive, dentro do capítulo que se refere à *Carta pras Icamíabas* (Cap. IX), fazer um paralelo ao universo político muito comum para o contexto de produção e ainda tão atual em nosso cotidiano. Antes da leitura de alguns dos trechos, vale ressaltar a compreensão acerca das variedades linguísticas. Buscamos referência em Bagno (2005), que afirma:

O reconhecimento da natureza essencialmente heterogênea, variável e mutante das línguas humanas ainda não ganhou o senso comum, e o imaginário lingüístico que vigora na sociedade se estrutura em torno de uma noção estática de língua, sempre encarada como o modelo de “pureza” e “correção” cristalizado na obra dos grandes escritores e descrito-prescrito nos compêndios gramaticais normativos. Nesse conjunto de crenças, o que se entende por “língua” é uma entidade homogênea, monolítica, não só exterior ao indivíduo, mas que necessita, inclusive, de ser “protegida” do “mau uso” ou do “abuso” que esse mesmo indivíduo possa vir a “cometer” contra ela. A variação, quando reconhecida, é simplesmente sinônimo de “erro”.

Além das questões que envolvem o preconceito linguístico, a adoção de uma linguagem popular (português falado no Brasil), mesclada com outras expressões eruditas ao longo de Macunaíma, reforça o caráter de identidade não homogêneo retratado por Mario de Andrade. Ao ressaltar as variações linguísticas, o autor não

apenas percebe que a língua é expressão de identidade, mas que tal expressão faz parte do cotidiano dos brasileiros e não deve manter a sua invisibilidade até então omitidas pelas demais obras literárias. O autor, por assim fazer, é precursor dos registros de variação linguística na literatura brasileira como maneira de distinguir o português falado do português escrito, em suma, distinguir o português falado no Brasil do de Portugal.

Destacamos trechos da carta a fim de promover uma breve análise da escolha vocabular e implicações da mesma para uma representação identitária dos Brasis delineados por Mario de Andrade. Seguem alguns trechos para uma breve análise pela escolha do uso do erudito da linguagem do capítulo: *“Apenas alguns sujeitos de importância em virtude e letras”, como já dizia o bom velhinho e clássico frei Luís de Souza, citado pelo doutor Rui Barbosa...*” (p. 60).

Embora haja o predomínio da eloquência presente pela escolha vocabular e usos formais, também aparecem erros ortográficos e de construção sintática. No presente capítulo, Macunaíma, que não é letrado, incorpora um pseudo-intelectual para angariar recursos a fim de manter-se em São Paulo. É claramente perceptível que a escolha por uma linguagem formal/erudita, mesmo que de forma dissimulada, é elemento crucial para promover engano e, conseqüentemente, ludibriar o seu destinatário, já que a apropriação da língua culta também é uma forma contundente de exercer domínio sobre a sociedade: *“... quando talvez por algum influxo metapsíquico, ou, qui lo sá, provocado por algum libido saudoso, como explica o sábio tudesco, doutor Sigmund Freud (lede Fróide) ...”* (p. 60). *“Que beldades! Que elegância! Que cachet! Que degagé flamífero, ignívomo, devorador!!”* (p. 61). Tais adjetivos são deveras adotados nos discursos políticos até a contemporaneidade, onde “o falar bem” é premissa de dominação e muito bem desenvolvida ao atingir os objetivos da carata.

Como argumento de manipulação, Macunaíma ainda cita homens letrados de renome, tais como Rui Barbosa, a fim de conferir maior credibilidade ao conteúdo dito, visto que tal prática ainda é adotada nos meios políticos a fim de adquirir vantagens, geralmente ilícitas. Com tais referências o herói reforça a aparentemente intimidade que tem com o meio intelectual, além disso, apresenta aparente conhecimento sobre o mercado financeiro e constrói um discurso, assim podemos classificar como ininteligível, pois não consegue sequer esclarecer de modo objetivo,

mas sim “encantar”, por meio da linguagem e manipular para que seu ideal seja alcançado: o pedido de dinheiro. A carta, sobretudo, traz uma possível representação atemporal sobre a exploração do povo brasileiro e dissimulação, por meio dos discursos de poder, para manipular explorar a sociedade. O capítulo apresenta-se como um exemplo tão verossímil ao longo dos registros da história do Brasil que se se perpetuam ainda tão latentes na atualidade.

### **Considerações finais**

A obra Macunaíma representa um marco da literatura brasileira, desde as questões voltadas à riqueza em temáticas, passeios pelo território nacional, pioneirismo em expressões da variação linguística, que permitem fazer distinção entre o português brasileiro falado e o português erudito de Portugal (próprio da língua escrita formal).

Há rupturas bastante relevantes a respeito da escolha vocabular, pontuação e estrutura distante dos modelos tradicionais e parnasianos vigentes no contexto de produção. Entre erudito e popular, lendas folclóricas, registros históricos, presença indígena, exaltação da natureza, miscigenação, avanços do período industrial, regionalismo, cosmopolitismo, mitos, entre tantas representações, é perceptível que a rapsódia, irônica e satiricamente, busca representar não a cultura ou identidade nacional, mas sim, os construtos culturais e identitários que permeiam, constroem e desconstroem o caráter de nacionalidade.

### **Referências**

ANDRADE, M. de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier. 2004.

ASSIS, J. M. M. de. **Instinto de Nacionalidade**. Porto alegre, Mercado Aberto, 1999.

BAGNO, M. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, 2005

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: FAPESP: Ouro sobre Azul, 2009.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

- MOTA, C. G. **Ideologia da Cultura Brasileira.** (1933-1974). São Paulo: Ática, 1977.
- MORAES, E. J. de. 1978. **A Brasilidade Modernista:** Sua Dimensão Filosófica. Rio de Janeiro, Graal.
- OLIVEN, R. G. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional (o eterno retorno).** In: Miceli, S. O que ler na ciência social brasileira. São Paulo: ANPOCS, Editora Sumaré; Brasília, DF: CAPES, 2002.
- ORTIZ, R. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 28, Número 3; Setembro/Dezembro 2013.
- THIESSE. A.-M. La création des identités nationales. **Europe XVIIIe - XXe siècle.** Paris: Editions du Seuil, 1999.

